

O PROCESSO NARRATIVO INFANTIL NA ARTE-EDUCAÇÃO Rebeca Santos de Oliveira, Luiza Helena da Silva Christov, Eliene Aleixo, Maria Luiza Viegas, Regina Helena Ciampi - Educação – Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas – Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação – Instituto de Artes – Campus São Paulo.

Esta pesquisa é um estudo de uma prática de arte-educação realizada na Escola Municipal Faria Lima, de 1ª a 4ª série, com crianças da 2ª série C. São 30 alunos, com idade entre 8 a 9 anos e aproximadamente 20% deles não sabem ler e escrever. Em geral, as crianças são provenientes de famílias de baixa renda sendo duas delas moradoras de abrigo municipal.

Esta pesquisa integra as linguagens das artes cênicas, artes plásticas e música, por meio da narração de histórias com o objetivo de ampliar os recursos de comunicação e expressão dos alunos, e é resultado de uma reflexão individual sobre o processo realizado em grupo com as alunas Eliene Aleixo, Regina Helena Ciampi (ambas do curso de habilitação específica em Artes Plásticas) e Maria Luiza Viegas (curso habilitação específica em Artes Cênicas).

A reflexão sobre a importância da prática de contar histórias para o processo de aprendizagem é assunto do livro de Regina Machado que: *“...situa uma perspectiva teórica e metodológica cuja a função é investigar a aprendizagem resultante do contato com a arte de contar histórias, o efeito que esta arte milenar e universal pode ter sobre cada pessoa em particular.”* (Machado: 2004, p.21)

O conto estabelece uma conversa entre a forma objetiva (narrativa) e as ressonâncias subjetivas particulares de cada ouvinte.

O contato com a narrativa presentifica o ser para um rito de escuta, vivência e apreciação de uma obra de arte. As pessoas envolvidas na narração de histórias transitam com a sua própria história dentro do conto, experimentando outras possibilidades de existir como integrante da sociedade, isto porque acessa uma infinita variedade de imagens internas existentes como configuração de suas experiências.

Ao organizar estas imagens de uma forma que faça sentido naquele momento, as pessoas passeiam pelo reino das possibilidades de significar, e o ato de conhecer só se realiza enquanto conjunto de imagens que se ordenam para dar sentido à experiência de aprender.

O lugar para onde a pessoa se transporta é: *“...o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem.”* (Machado: 2004, p.24). Neste lugar o ser encontra não o que deve fazer, mas sim o que pode fazer, pois entra em contato com a possibilidade de afirmação do poder criador humano.

Há uma redução da expressividade do aluno quando este se vê obrigado a corresponder a um sistema que lhe é imposto, onde o que está sendo avaliado é se ele aprendeu de maneira certa ou errada a um dogma (conhecimento), desconsiderando a importância da reflexão e do questionamento deste sobre o conteúdo e o contexto, massificando os indivíduos, sobre isto diz Rousseau: *“... colocam este factício nas mãos de um preceptor que acaba de desenvolver as sementes artificiais que já encontra completamente formadas e lhe ensina tudo, exceto a se conhecer, exceto a tirar partido de si mesmo, exceto a saber viver e se tornar feliz”* (Rousseau: 2004, p. 26).

“Acredito que o momento de contar histórias e também o trabalho que se possa fazer com elas tem uma função, digamos, em si e ao mesmo tempo uma função ligada ao papel que o exercício da imaginação desempenha no processo de produção de conhecimento como um todo.” (Machado: 2004, p.27).

A idéia de inter-relacionar arte como expressão e como cultura na operação de ensino aprendizagem está presente, segundo Ana Mae Barbosa (1999), na Proposta Triangular. Esta considera importante desenvolver a leitura, a criação (o fazer) e a contextualização, feita pelo indivíduo sobre a obra de arte e sobre o mundo. Estas experiências foram sistematizadas e testadas utilizando as artes plásticas entre as décadas de 80 e 90 quando Paulo Freire foi Secretário Municipal da Educação em São Paulo.

Considerando a capacidade que cada linguagem tem em expressar a leitura que o indivíduo faz de seu contexto social, político e cultural, acredito que quando as crianças criam e narram histórias a partir de

diferentes estímulos, provenientes das diferentes linguagens, estas não apenas ampliam as possibilidades de leitura de uma obra e do mundo, mas ampliam as formas de expressar a sua leitura, interagindo na sociedade.

“Certamente, serão necessários muitos refinamentos e melhoras nas suas atividades artísticas, mas penso que a criança média de 7 ou 8 anos de idade tem qualidades essenciais de um criador, intérprete e membro da audiência.” (Gardner: 1997, p. 180)

Trabalhando as particularidades técnicas de cada linguagem, a arte de narrar histórias pode ser um meio de trabalhar a capacidade de expressão e comunicação que cada linguagem tem. O aluno pode compor uma poesia na aula de português (arte da literatura), partindo de um estímulo sonoro (arte da música) e expressar a sua criação narrando esta para a turma por meio de sons, objetos, gestos, imagens e palavras, utilizando estes simultaneamente (maneira mais convencional) ou isoladamente. Ao fazer isto, este utiliza a imaginação para criar, dentro do próprio contexto social, formas diferentes de expressar o próprio conhecimento, gerando assim, a reflexão sobre a própria identidade e papel de nro da sociedade.

Foram utilizadas nas aulas a pantomima (comunicação estritamente gestual), a mímica vocal (estritamente sonora), a narrativa feita pela animação de objetos, a narrativa feita apenas por imagens gráficas e a narrativa por meio da palavra falada e escrita.

Ao apresentar tais possibilidades às crianças, percebemos uma forma de incentivar a criação individual em prol da criação coletiva e comunicação destas entre si e com a sociedade. Como na frase dita por um aluno entusiasmado durante a criação da primeira história coletiva: “O meu quadrado virou a casinha do menino!”.

A inibição que as crianças apresentaram quando estavam no espaço cotidianamente organizado da sala de aula e o fato delas não terem aulas de Educação Física, ressaltaram a carência e vontade delas em participar de atividades físicas, isto ficava claro quando afastávamos as carteiras e quando saíamos da sala de aula. As crianças ficavam eufóricas. Foi interessante perceber que mesmo depois de uma aula onde elas ficaram o tempo inteiro sentadas nas carteiras trabalhando a comunicação sonora, comigo na frente da sala representando o som, hora com, hora sem gesto, a maioria das crianças quiseram se organizar em grupos para reproduzir um som para a turma, que teria de adivinhar o que este representava. A maior parte das crianças, ao ficarem em pé na frente da sala, gesticulou ao invés de produzir um som como foi proposto.

A opção de praticar atividades que relacionassem as artes plásticas, cênicas e música foi contínua.

Na primeira aula, cada criança escolheu uma imagem, a proposta era ler e relacionar esta com as imagens dos colegas no grupo utilizando qualquer expressão, a maior parte das crianças releu pelo desenho sua própria imagem e houve alguns casos de crianças que copiaram a leitura feita pelo colega. Poucas utilizaram a narrativa oral para relacioná-las. Talvez, esta cópia tenha ocorrido porque há uma grande preocupação com a caligrafia no processo de alfabetização, fazendo com que a criança se preocupe em copiar caprichando na forma da letra, mesmo sem saber ler e escrever.

Após duas aulas de atividade que trabalharam a escuta, integração, consciência corporal e musical, os alunos recolheram os desenhos feitos na primeira aula e, em grupo, colaram-nos numa folha maior com o objetivo de relacioná-los formando uma história. Houve uma grande dificuldade deles em ouvir o que os colegas falavam e em contribuir na criação do conto. Na narração, devido ao fato da maior parte das crianças falarem baixo, as outras pediam para que elas repetissem constantemente. Acredito que esta reação derivou da conscientização sobre a importância do silêncio que fizemos com eles na aula anterior, por conta de uma questão feita no meio de uma atividade: “Vocês estão ouvindo o que ele está falando?”. Ao final da história, as crianças mais extrovertidas de cada grupo perguntaram à turma quais eram as personagens e o que havia acontecido na história para certificarem-se se a turma havia entendido, pois fizemos estas mesmas perguntas aos alunos durante o processo de criação. Ne nhum uma criança foi obrigada a participar, mas felizmente todas se sentiram à vontade para contribuir, mais ou menos, da forma como quiseram. A violência foi um tema constante em todas as histórias, afirmando o fato de que as crianças reproduzem o que faz parte de seu cotidiano, pois estava na época dos atentados do PCC em São Paulo. Nas duas aulas seguintes, utilizamos um exercício de musicalização onde os alunos escolheram temas, e ao final da música, faziam estátuas que representassem o tema proposto, depois aplicamos exercícios para construção de repertório gráfico, do livro da Edith Derdick (1989), e

criação de desenhos coletivos, utilizando “ilhas temáticas” com os temas propostos na atividade descrita primeiramente. Algumas crianças associaram a linha personagem a objetos, por exemplo: “linha mole como um travesseiro”.

Na última aula do primeiro semestre, foi discutido a importância dos meios de comunicação gestual, sonoro e visual e foi feito um exercício de musicalização retirado do livro de Murray Shafer (1991).

Desde a primeira aula praticamos um fechamento com a turma, perguntando o que fizemos, do que elas mais gostaram e por que, gerando uma reflexão, com o objetivo de deixá-las concluir as lições aprendidas nas aulas e para ver se estávamos no rumo certo.

Fizemos uma avaliação com a professora Fausta que comentou casos de alunos “com maior dificuldade” no processo de aprendizado e nos contou que a Helen, uma das crianças que mora em abrigo municipal, demonstrou mais interesse pelas aulas após o início das aulas de arte. A integrante do grupo Eliene Aleixo saiu do projeto no início do segundo semestre.

Na volta às aulas, contamos a primeira história do ano. Esta foi sugerida pela professora Fausta, *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque. O tema desta história é o medo, foi trabalhado a sonoridade das palavras e formação das sílabas, depois as crianças fizeram um desenho que representasse duas fases da personagem, esta com medo e esta sem medo. Foi muito interessante ver que as crianças representaram características de medo e alegria pelo corpo da personagem no desenho.

Na aula seguinte foi feita uma dramatização da história onde foi solicitado às crianças que elas imaginassem o que lhes causava medo e reagissem a isto utilizando a voz e o corpo, após este exercício parte delas representaram a chapeuzinho amarelo e parte delas representaram o lobo.

Utilizamos exercícios de consciência corporal e dividimos a sala em três grupos para trabalhar a narrativa feita apenas por imagens, utilizando histórias sem palavras escritas. Fizemos reflexões sobre estas e após duas aulas, as crianças, que haviam escolhido objetos para representar as personagens, contaram para o resto da turma a sua história. Foi uma experiência interessante, mostrávamos as imagens do livro e em seguida as crianças reproduziam as situações animando os objetos não ilustrativos. Na avaliação feita sobre esta experiência, algumas crianças reconheceram o seu caráter teatral e comunicativo: “fizemos um teatro com os objetos”, “quando ele mexia o objeto, eu percebi que era o menino”, “deu pra ver o helicóptero”, frases proferidas pelas crianças.

Na aula seguinte, presenciemos um fato inédito ao realizar uma atividade fora da sala de aula, com o maior silêncio possível, falamos pouco e muito baixo durante a aula inteira, as crianças foram voluntariamente, respeitando a regra, de um por vez manusear a cadeira como se esta fosse outro objeto. Depois iniciamos um trabalho sonoro que resultou, na aula seguinte, em conscientizar as crianças sobre a diferença entre ruído, silêncio e música, segundo o proposto por Shafer (1991) em seu livro.

Por todo o processo, evidenciou-se o reconhecimento, por parte das crianças, das diferentes formas de comunicar e expressar uma ideia. As atividades de integração, isto inclui a criação e narração de contos, contribuíram para uma melhor relação entre as crianças, que demonstraram maior facilidade para se organizarem em grupos, ouvindo e respeitando a vez do próximo, exigindo pouco a nossa interferência nesta organização no final do processo.

Conclui-se por este que, o processo de narração infantil pode ser desenvolvido de inúmeras formas e, desde que se leve em conta as necessidades da turma, é possível proporcionar uma reflexão do contexto, ao incluir as crianças no processo de criação, de expressão e de relação com os outros e com o meio.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho o desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipioni, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1995.

GARDNER, Howard. **Artes e o desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LANDIER, Jean Claude e BARRET, Gisele. **Expressão dramática e teatro**. Portugal: ASA, 1994.

MACHADO, Regina. **Acordais:** fundamentos teóricos e poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

ROSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SHAFFER, Murray. **O ouvido pensante.** São Paulo: UNESP, 1991.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para teatro.** São Paulo : Perspectiva, 2003.